

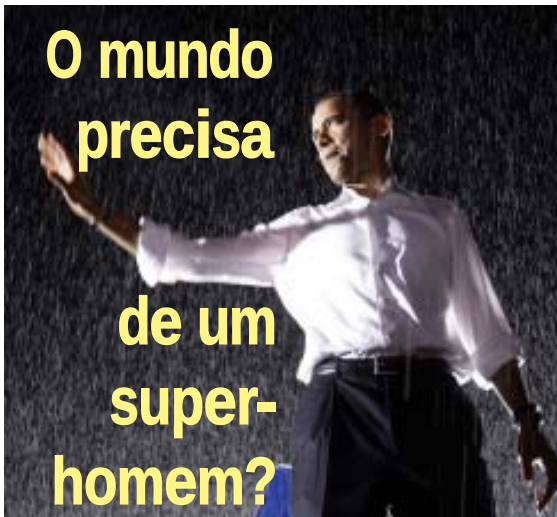
Consórcios em alta

“Os consorciados ficaram muito mais protegidos e os consórcios são o melhor instrumento de compra sem os juros escandalosos.” A afirmação é do diretor social do SINDCON-MG, Manoel Borges, que comenta a grande evolução projetada nos negócios a partir da nova regulamentação dos consórcios pela Lei 11.795/2008, em vigor desde o último dia 9 de fevereiro.

Agora os consórcios permitem o acesso até a cirurgias, ampliando a possibilidade de vendas. **Página 5**



O mundo precisa de um super-homem?



Bush foi fazer companhia a Hitler, Stalin, Mussolini e outros sanguinários nas páginas da história. Foi trocado pelo povo americano por uma superação gigantesca com um homem que vence o preconceito de raça e que pode se voltar para a humanidade lembrando-se da miséria em que originou sua própria vida. A dívida americana com o mundo é enorme e precisaremos de uma postura universal para ser instalada a paz. **PÁGINA 6**



Oportunismo patronal

Suspensão de contrato de trabalho, redução de jornada com redução de salários... Os patrões se aproveitam da “crise” para suprimir direitos. **Página 2**

A CRISE É MAIS EMBAIXO

“Muitos patrões se aproveitam de ouvir falar em crise e tomam medidas preventivas, sempre prejudicando os trabalhadores e ensaiando uma severa ameaça por mudanças prejudiciais na legislação trabalhista.” As afirmações são do ex-ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, em encontro promovido pela Força Sindical MG em Divinópolis. Magri falou ao Sindcon sobre a urgente mobilização dos sindicatos para garantir direitos. **PÁGINA 3**



SINDCON-MG Convenção Coletiva de Trabalho 2009

GANHO REAL NOS SALÁRIOS

PÁGINA 3

A crise real e a fabricada

Empresas oportunistas agiram preventivamente por uma crise anunciada

(*) **Gerson Fernandes**

Nós ainda não sabemos o tamanho da crise. Esta frase vem sendo repetida como erva daninha em um pasto de incertezas sobre o comportamento da economia. A senha para todos é a mesma: total prudência diante de riscos potenciais movidos pela instabilidade, a esperteza e a especulação financeira.

Temos algumas guerras instaladas entre empresas que arrastam as demais por uma crise construída em cima de negociações para estabelecer preços de produtos primários, como o minério de ferro. Empresas como a Vale, que passou a ter uma ação globalizada, atitudes monopolistas estratégicas para garantir valor de seu produto mundialmente, levando ao caos nas atividades secundárias, siderurgias, produção de automóveis, eletrodomésticos, arrastando a todos no caldo de condições impostas pela mineradora ou de seus compradores exponenciais, como os chineses. Na Vale, nas siderurgias, metalúrgicas e na produção de automóveis temos um caos generalizado nas relações trabalhistas: férias coletivas, grande contingente de demissões, suspensão de contratos de trabalho, redução

de jornada e de salários e todo tipo de pressão sobre os trabalhadores para a precarização das condições de trabalho.

Fora desta faixa de controle de preços vários outros setores são também arrastados, muitos aproveitando a “oportunidade” para cassar direitos dos trabalhadores e pressionar o governo por linhas de créditos em condições especiais para alavancar seus negócios. Aqui está a crise fabricada, a crise de araque, de uma classe de empresários onde os princípios de responsabilidade social ainda nem fizeram cócegas em seus planejamentos.

As centrais sindicais e as direções de sindicatos de trabalhadores vêm denunciando estas artimanhas, com a postura firme de não aceitarmos qualquer iniciativa patronal no caminho evidente desta crise: a tentativa de fazer a precarização das leis do trabalho, para cortar direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), pelos acordos e convenções coletivas. Ao mesmo tempo em que lutamos contra os impactos da crise, nos mobilizamos para barrar esta discussão nociva no Congresso Nacional e afastar novamente esta ameaça, que teima em ser rediscutida de tempos em tempos.

(*) Presidente do SINDCON-MG

EXPEDIENTE

JORNAL SINDCON-MG
TRABALHO E CIDADANIA

Presidente
Gerson Fernandes

Diretoria Executiva

Diego Gonçalves
José Eustáquio
Manoel Borges
Andréia de Souza
Marcos Vinícius

Jornalista

José Geraldo Ribeiro
MG 02717 JP
Fotos - Tomaz Cintra
CTP e Impressão
Gráfica Everesty

FEV/MAR 2009
Distribuição gratuita

SINDICATO FORTE É TRABALHADOR SINDICALIZADO!

REPOUSO SEMANAL REMUNERADO - BH

FEVEREIRO

27,27%

MARÇO

19,23%

ABRIL

25%

Salários reajustados com ganho real

Convenção Coletiva mantém direitos e espanta a crise na categoria

Os salários da categoria foram reajustados em 6,5% a partir do último dia 1º de março/2009, após assinatura da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) entre o SINDCON-MG e o Sincodiv-MG. Este reajuste é aplicado sobre os salários de 1º de março/2008. O reajuste supera o INPC acumulado nos últimos 12 meses, que registrou uma inflação acumulada de 5,12%.

Com a nova Convenção Coletiva, o salário de ingresso da categoria foi elevado de R\$ 470,00 para R\$ 520,00 (Belo Horizonte, Betim e Contagem), passando a ser de R\$ 500,00 para as demais localidades do Estado. A CCT facultou às empresas a negociação de pisos salariais superiores a estes valores para os trabalhadores que recebem comissões por vendas.

Acordo garante conquistas

O presidente do SINDCON, Gerson Fernandes, ressalta a importância da Convenção Coletiva neste momento de crise profunda na economia, quando as empresas assumem posição preventiva, muitas vezes penalizando os trabalhadores. "Estamos assistindo situação em que trabalhadores de outras categorias são obrigados a assinarem suspensão de contratos de trabalho e até a reduzirem valores dos salários, além de outras medidas crônicas como férias coletivas, não pagamento de horas extras e toda espécie de supressão de direitos. Felizmente, em nossa categoria, as negociações coletivas avançaram em reajuste acima da

inflação acumulada, melhorando o piso salarial e, principalmente, garantindo as conquistas de acordos anteriores", diz Gerson. Segundo ainda o presidente do Sindcon, é necessário manter uma preocupação permanente, principalmente para evitar que o piso salarial da categoria sofra as defasagens em relação ao reajuste que é aplicado sobre o salário mínimo. "Em função da política conquistada pelas centrais sindicais junto ao governo, o salário mínimo está recebendo reajustes pela inflação acumulada somada à evolução do PIB. Com isto, várias categorias vêem o salário mínimo se aproximar dos pisos salariais, levando, com o tempo, a que



todos acabem recebendo o menor salário pago no país. Precisamos garantir a preservação de salários compatíveis, que resguarдем as diferenças estabelecidas pela qualificação profissional, através dos treinamentos das empresas e investimentos feitos pelos próprios

trabalhadores, exigindo que as empresas estabeleçam uma política de Planos de Cargos e Salários, que permitam a evolução nas carreiras, nas promoções e remunerações recebidas. Isto é o que exigimos das empresas que modernizam sua gestão, mas que mantêm estruturas de RH e de valorização dos trabalhadores na idade da pedra lascada", afirma Gerson Fernandes.

SINDCON-MG MANTÉM RESTRIÇÃO NOS PLANTÕES DE VENDAS NO DOMINGO

A Convenção Coletiva garantiu a conquista alcançada nas CCTs anteriores e mantém as restrições nos plantões de domingo. As empresas podem fazer escalas de plantões, desde que homologadas no Sindicato, permitindo trabalhar nas vendas em dois domingos no mês com as devidas folgas semanais referentes aos domingos trabalhados.

A multa por descumprimento da cláusula é de R\$ 750,00 por trabalhador em atividade irregular, devendo 50% deste valor ser repassado ao trabalhador.

Conquistamos ainda a proibição expressa do trabalho nos domingos comemorativos abaixo mencionados:

12 de abril (páscoa), 10 de maio (dia das mães), 9 de agosto (dia dos pais) e dias 14 e 15 de fevereiro/2010 (carnaval).

Empresas constroem uma crise preventiva

Hoje assessor da Força Sindical, o ex-ministro do Trabalho e Previdência, Antônio Rogério Magri, 68 anos, gosta de se identificar como "sindicalista" e confirma por onde passa o carisma e o decisivo papel de um líder dos trabalhadores no enfrentamento de crises, defesa dos direitos e proposições no caminho de uma sociedade mais justa.

Magri participa de trabalho intenso que a Força Sindical desenvolve em Minas e se transforma em figura marcante nos diversos eventos de organização regional realizados pela central. A discussão da crise tem sido marca registrada nestes encontros e Magri é taxativo: "em muitas empresas a crise é preventiva, sacrificando os trabalhadores com precarização dos direitos celetistas e conquistados em acordos".

No mais recente encontro da Força Sindical, em Divinópolis, com líderes de cerca de 30 sindicatos, um alerta de Magri voltou a ser feito em tom de apelo. "É preciso maior preparação das lideranças para discutir em pé de igualdade com os patrões e dominar números e assuntos como PLR, produtividade, escalas de jornadas de trabalho, saúde e segurança e tudo que afeta as categorias profissionais", diz o ex-ministro, que foi também o presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo e que ocupava posto de-



cisivo para o movimento sindical no Instituto Cultural do Trabalho (ICT).

Uma das principais necessidades do sindicalista moderno e mais preparado é estar cercado de instrumentos eficientes de ação, assessorias eficientes, com autonomia, utilizar serviços vitais como os prestados pelo Dieese, Diesat, Diap, Fundacentro e outros. O ex-ministro e sindicalista afirma categoricamente que não conseguirão sobreviver as direções de sindicatos que estiverem fora de quaisquer centrais sindicais. "Não tem mais como enfrentar as exigências da vida moderna, direções centralizadas, de presidentes que se estabelecem por um

mando verticalizado, que burocratizam as ações de assessor-

res e demais dirigentes em uma hierarquia inflexível e autoritária. É necessário ampliar a atuação das entidades, de forma democrática e envolver todas as lideranças", diz Magri.

Completa que se transforma cada vez mais em uma exigência a construção da unidade entre os sindicatos e as centrais e transformar as entidades em instrumentos efetivos de fazer crescer a força das categorias com representantes nos poderes legislativos em todas as esferas, evoluindo ainda para eleger também os chefes de executivos. "A ação dos sindicatos não se resume à luta pela defesa dos salários e dos demais direitos. Precisamos de representantes no Congresso Nacional. Não podemos continuar com um Congresso em que mais de 80% representa interesses dos patrões e das oligarquias. Precisamos fazer crescer a nossa representação, se quisermos barrar leis nocivas e encaminhar projetos de interesse dos trabalhadores e da sociedade". Constantemente no Estado, Magri vem transformando Minas no "caminho da roça", sempre envolvido nos principais movimentos sindicais desenvolvidos pela Força. "Adoro a receptividade dos mineiros e o grande empenho que as lideranças demonstram. Minas é hoje o Estado que mais filia sindicatos à nossa central", conclui o ex-ministro.



Consórcios com mais segurança

Desde o dia 9 de fevereiro está em vigor a lei 11.795/2008 que traz mais segurança para todo o sistema de consórcio e novidades como a possibilidade de quitar financiamentos com carta de crédito. Expectativa de crescimento do setor em 2009 é de 6%.

O diretor social do SINDCON, Manoel Borges Filho, prevê uma grande evolução nos consórcios com a nova regulamentação “uma vez que torna mais seguros os investimentos realizados pelos consorciados”. Manoel lembra que a regulamentação amplia em muito os tipos de consórcios, que antes ficavam limitados a carros e habitação e, agora, atingindo até cirurgias plásticas e outros benefícios demandados. “Os consorciados - diz Manoel - ficaram mais protegidos contra eventuais quebras de consórcios, tornando mais seguro o princípio solidário nos negócios, significando total segurança para os que não são contemplados imediatamente nos sorteios. Os consórcios continuam sendo o principal instrumento para poder comprar bens duráveis sem ficarmos expostos aos juros escandalosos cobrados pelos bancos.

O sistema de consórcio brasileiro passa a ter uma legislação própria e subordinada ao Código de Defesa do Consumidor, com a entrada em vigor da lei 11.795, sancionada pelo presidente Luis Inácio Lula

da Silva em outubro do ano passado. Com algumas mudanças importantes, o documento torna o consórcio, operação financeira que no segmento

de imóveis tem 513,6 mil participantes em todo o Brasil e cresceu 10,4% em 2008, muito mais seguro. Dois dos principais ganhos da lei é a definição de cada grupo de consorciados como independente, com patrimônio separado de outros grupos e do capital da administradora – impedindo que os consumidores sejam prejudicados caso a empresa vá a falência – e a escolha de até três consorciados para acompanhar as contas do grupo.

A lei revigora a defesa dos consumidores, pois antes todo o sistema era normatizado por resoluções internas do Banco Central, sujeitas às mudanças dos dirigentes sem passar por



Manoel Borges vê crescimento

um debate ou o crivo do Legislativo.

No projeto de lei, um dos itens dizia que o consorciado só teria direito à restituição se tivesse pago cinco parcelas ou mais. Essa e outras partes consideradas abusivas foram vetadas por pedido dos órgãos

de defesa, mas a previsão de devolução imediata do Código de Defesa do Consumidor também não prevaleceu, porque isso prejudicaria o poder de compra do restante do grupo. Resultado: o consorciado ganhou uma chance de reaver o dinheiro de parcelas pagas antes do fim do grupo, continuando a participar dos sorteios. Caso seja sorteado recebe sua restituição.

A Abac prevê para 2009 de 6% a 8% de crescimento no setor. Reconhecido por atender famílias de classes mais baixas, em função de parcelas pequenas e sem juros, conquista público de maior poder aquisitivo.

Seguro-desemprego 3299-9231
POR TELEFONE
Segunda a sexta-feira
de 7 às 16 horas
CENTRO DE SOLIDARIEDADE AO TRABALHADOR www.cstm.org.br

Regulamentação Ameaça profissional

Corretor de veículos oficial

Traz preocupação à nossa categoria o Projeto de Lei 1143/07, de autoria do deputado Dagoberto (PDT-MS) que tramita na Câmara Federal e pretende permitir o trabalho de profissionais em concessionárias de veículos apenas a “corretores” registrados, com anotação em carteira profissional.

O PL 1143 permite que empresas realizem tal atividade, desde que tenham como sócio-gerente ou diretor um “corretor registrado”. A pretensão do PL é a de exigir dos interessados em trabalhar como corretor que se submetam a um curso específico de formação, a ser

realizado pelo Conselho Federal dos Revendedores de Veículos Automotores e conselhos regionais da categoria, órgãos que não existem e que devem ainda ser criados. Para obter o registro, o eventual “corretor profissional” precisará comprovar pelo menos um ano de residência na localidade onde a profissão será exercida.

Esta regulamentação profissional em nada favorece aos trabalhadores. Ao contrário, dificulta o acesso ao trabalho e permite a precarização das atividades através de terceirizações.

A crise que veio do norte

Ao discursar na Organização das Nações Unidas (ONU) logo depois de Bush, o presidente venezuelano Hugo Chavez marcou bem as diferenças existentes no mundo: “o diabo passou por aqui, ainda sinto o cheiro de enxofre!”

A última vítima de Bush foi seu candidato a presidência, enterrado pela má fama do padrinho, o senhor das guerras, das carnificinas, dos genocídios. A “certeza” de serem donos do mundo fizeram de alguns títeres americanos algozes muito mais vorazes do que Hitler, Stalin, Mussolini. O saldo de tragédias (bombas em Nagasaki e Hiroshima,



guerra do Vietnã, investimentos em ditaduras esparramadas pelo planeta, o criminoso bombardeio do Iraque) deixa nas costas dos criados do super-homem uma dívida

enorme com a humanidade.

Barak Obama encarna os muitos sonhos interrompidos dos americanos e do mundo, juntando em um só homem símbolos deixados por Martin Luther King

(da vida sem preconceitos de raça, de religião) e John Kennedy, assassinados pelos adversários da paz e da justiça.

Obama tem uma missão hercúlea de conduzir a potência

sem impor a sua força ao resto do mundo e deverá optar entre políticas que recuperem todo o corpo terrestre ou agir com o mesmo protecionismo que isola os EUA numa casca de riqueza.

Da mesma forma que o Brasil descobriu um Lula, que prioriza políticas sociais mas faz concessões aos antigos donos do poder, Obama nasce da crise americana como a Fênix nasce das cinzas. As esperanças são gigantescas, sobretudo que a sua origem pobre africana e humana suplante o mito do super-homem, tirando dos EUA o papel de polícia de todas as raças e executor de todas as tragédias.